



IMPÉRIO DA CARIDADE
Centro interpretativo sobre culto do Divino Espírito Santo

página 6



TERCEIRA E GRACIOSA
"Alimenta o teu futuro" nos ATL's e escolas

página 8



GRATER – ASSOCIAÇÃO DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL

OLHAR O MUNDO RURAL

N.º 47 . abril/2023 • grater@grater.pt • www.grater.pt • www.facebook.com/grater.pt • distribuição gratuita

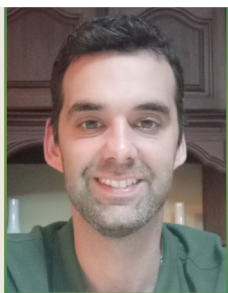
ESTE SUPLEMENTO INTEGRA O JORNAL DIÁRIO INSULAR E NÃO PODE SER VENDIDO SEPARADAMENTE



**ENTREVISTA COM ANTONIETA REIS LEITE
 NOS 40 ANOS DO PATRIMÓNIO
 MUNDIAL DA HUMANIDADE**

ANGRA AUTÊNTICA

A arquiteta e investigadora defende que qualquer intervenção na cidade classificada como Património Mundial da Humanidade pela UNESCO deve seguir uma linha de autenticidade. Da arquitetura à fixação de habitantes, Angra ainda pode caminhar. páginas 04 e 5



DIEGO AGUIAR
Tesoureiro do Conselho de
Administração da GRATER

EDITORIAL

Realizado quase um ano que ingressei no Conselho de Administração da GRATER, não posso deixar de dar o meu testemunho sobre a realidade desta nova experiência. Sem dúvida que fiquei bastante surpreso (pela positiva) pela quantidade de projetos que por lá são analisados e debatidos. Todos estes passam por um processo de avaliação e discussão entre funcionários e membros do Conselho de Administração, quase que de forma exaustiva, de maneira a sermos corretos na nossa tomada de decisão, sempre respeitando os critérios de avaliação e pontuação. Infelizmente, devido quase sempre às limitações orçamentais, muitos projetos de qualidade e que bastante valor acrescentariam ao território, ficam pelo caminho, com muita pena nossa. Não posso deixar de elogiar o trabalho árduo e bastante profissional que desempenham as colaboradoras desta associação. Além de trabalharem, vivem e sentem a GRATER como ninguém, fornecem todas as informações e mais algumas aos membros do Conselho de Administração, acabando assim por pôr a “máquina a trabalhar” de forma perfeita, o que está na origem do bom nome e imagem que caracterizam esta associação. Estamos num ano de transição, em mais um ano de crise na União Europeia, sendo o nosso território bastante afetado. Começamos a ter algumas ideias, embora ainda de forma algo embrionária, do impacto que terá o PEPAC Portugal 2023-2027 na nossa Região, e de que forma a Região atribuirá os apoios. Novas estratégias estão a ser delineadas de momento para satisfazer os objetivos estratégicos de cada território abrangido pela GRATER, tanto para as zonas rurais como costeiras. Apesar das dificuldades inerentes à realização de estratégias como estas, tenho plena confiança que a GRATER, com os elementos que a representam, fará tudo com o maior detalhe e profissionalismo possível. Tenho a certeza que continuaremos a apoiar da melhor forma todos os Graciosenses e Terceirenses, na concretização de sonhos, objetivos, na criação de riqueza e postos de trabalho. Podemos não estar sempre presentes fisicamente em todo o território, mas certamente chegaremos a todos e trabalharemos com todos, de forma imparcial e profissional. Podem contar conosco!

OPINIÃO

“Alimenta o teu futuro”



BEATRIZ HENRIQUES
Nutricionista

Fui convidada pela GRATER para participar numa campanha com os objetivos de promover uma alimentação mais saudável e o consumo de produtos locais e sazonais.

Esta campanha teve início através do desenvolvimento de um calendário que teve como intuito promover o consumo de produtos locais e sazonais. Para o desenvolvimento do calendário, o Chefe Raúl teve o papel principal de elaboração de receitas mensais utilizando produtos da época. Algumas das receitas são para ser elaboradas apenas em ocasiões especiais, por isso o enfoque não foi a informação nutricional das mesmas, no entanto, para os mais curiosos, essa informação encontra-se abaixo de cada receita. Também foram realizados vídeos mensais referentes a cada receita que podem ser encontrados na página da GRATER.

Esta campanha também engloba outra vertente, direcionada a crianças do 1º ciclo, intitulada de “Alimenta o teu futuro”, uma vez que a alimentação na infância tem repercussões no futuro destas crianças e é de extrema relevância consciencializá-las para a importância da alimentação saudável desde cedo, de forma a prevenirem problemas de saúde futuros, pois a alimentação é um dos fatores de risco modificáveis que mais contribui para o desenvolvimento de doenças crónicas, como é o caso das doenças cardiovasculares, cancro, diabetes e obesidade.

A melhor forma de cativar a atenção das crianças e fazer com que estas participem é através de atividades interativas e dinâmicas. Desta forma, desenvolvemos dois jogos educativos e

divertidos para conseguir captar a atenção das crianças e ensinar-lhes informações preciosas para o seu futuro.

O primeiro jogo é alusivo à sazonalidade dos hortofrutícolas e tem como objetivo promover o consumo de alimentos locais e sazonais. Neste jogo as crianças são convidadas a colocar num quadro cartões verdes nos meses que correspondem à época do hortofrutícola em questão. Este jogo concretiza a sua função, ensinando e promovendo o consumo dos hortofrutícolas tendo em conta a sua sazonalidade.

A promoção de alimentos locais e da época é de extrema importância, pois sabemos que estes produtos são mais sustentáveis e nutritivos, pois amadureceram naturalmente nas árvores e não necessitam de transportes longos para nos chegar. Para além disso, o facto de não necessitar de transporte e de meios de conservação adicionais faz com que estes alimentos possam ser, muitas vezes, mais económicos para o consumidor, uma vez que não acresce o valor gasto no transporte e conservação dos mesmos.

O segundo jogo é uma Roda dos Alimentos Portuguesa em ponto grande e tem como objetivos reforçar a importância da realização de uma alimentação completa, equilibrada e variada, promover escolhas alimentares mais conscientes e melhorar a literacia sobre alimentação saudável. Este jogo é extremamente interativo e divertido e, por isso, tem apresentado bastante aprovação por partes das crianças.

A aprendizagem do comportamento alimentar inicia-se na infância, tendo a família e todo o contexto sociocultural onde as refeições ocorrem, um papel determinante no processo de formação dos hábitos alimentares da criança. Daí a importância deste tipo de atividades que sensibilizam as crianças para uma alimentação mais saudável e contribuem de forma positiva para o seu crescimento. As crianças têm demonstrado bastante entusiasmo na concretização dos jogos e muito possivelmente estas aprendizagens vão contribuir positivamente para a vida adulta de grande parte delas.



ESPAÇO ASSOCIADO

JUNTA DE FREGUESIA DAS FONTINHAS Verdadeira ruralidade

As Fontinhas são a localidade onde mais leite é produzido no concelho da Praia da Vitória. O presidente da Junta de Freguesia das Fontinhas, Paulo Rui Sousa, diz que o caminho será feito de agricultura, mas também de turismo e de respostas sociais.

É no verde das pastagens das Fontinhas que se verifica a maior produção de leite no concelho da Praia da Vitória. Por isso, o presidente da junta de freguesia, Paulo Rui Sousa, identifica o investimento na área agrícola como essencial.

As Fontinhas, diz, vivem sobretudo do setor. “Afigura-se como prioritário melhorar acessos e criar condições para que as explorações agrícolas possam expandir-se e melhorar os seus rendimentos, a fim de fazer face aos constantes constrangimentos que atividade tem sofrido nos últimos anos”, afirma.

Para além da agricultura, desenha-se no horizonte a aposta no turismo. “A nível turístico, as Fontinhas, neste momento, é apenas um ponto de passagem para a Serra do Cume. No entanto, não é por termos falta de paisagens, locais de interesse ou história”, considera.

“Acreditamos que podemos explorar essas áreas, aliando a criação de um trilho, onde se possa ir à descoberta das fontes (elemento que deu o nome à freguesia), que servirá para incentivar o turismo e promover a atividade física na freguesia”, refere o autarca.

Outro desafio é o demográfico. É preciso manter os mais jovens e construir respostas para os mais velhos. “A população está a envelhecer. Assim sendo, é necessário fixar jovens casais na freguesia, pelo que será importante a reivindicação para o melhoramento e criação de novos arruamentos, onde seja possível a construção de novas moradias. No que diz respeito à junta, tendo políticas de proximidade e de apoio às forças vivas da freguesia, fará com que esta seja mais apelativa para se viver”, adianta.

Identifica uma “lacuna” na resposta social dirigida aos idosos e defende a criação de um centro de dia. Para toda a população, a junta de freguesia quer desenvolver um projeto de melhoramento da zona de lazer e espera que as obras possam arrancar dentro de pouco tempo.

LOCALIDADE VIVA

Com perto de 1530 habitantes, as Fontinhas, garante Paulo Rui Sousa, mantêm-se uma freguesia rica em instituições e coletividades religiosas, culturais e desportivas.

“Ainda vão mantendo as portas abertas graças ao voluntariado e empenho da população.



Embora se tenha constatado um envelhecimento da população, é de referir que alguma juventude tem aparecido e dado o seu contributo em perpetuar estas instituições e manter as tradições. Grande exemplo são as comissões de festas, que se têm juntado e organizado as mesmas com grande brio e brilhantismo”, reconhece.

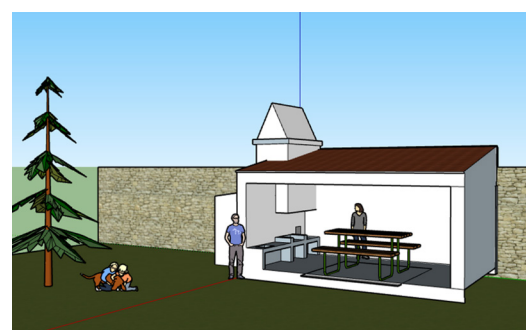
Com um perfil rural, a freguesia oferece proximidade a meios mais urbanos. “Geograficamente, fica situada a cerca de 4km da Praia da Vitória. De destacar os vários acessos à via Vitorino Nemésio (via rápida), que fazem com que as Fontinhas sejam um local vantajoso para se morar. Permitem rapidez e fácil acesso às duas cidades”, recorda Paulo Rui Sousa.

A cumprir o segundo mandato como presidente da Junta de Freguesia das Fontinhas, Paulo Rui Sousa assinala que já foram, no passado, desenvolvidos projetos em conjunto com a GRATER.

“Neste momento, estão a ser preparados alguns projetos de desenvolvimento local em infraestruturas de caráter turístico e de lazer, bem como infraestruturas de caráter cultural/museológico que a junta de freguesia pretende desenvolver. Tendo a GRATER como parceira será uma mais-valia, uma vez que alguns desses projetos têm custos consideráveis e o conhecimento e financiamento obtido por esta entidade é indispensável para o desenvolvimento destes mesmos projetos”, refere.

Ressalva que a junta de freguesia aguarda a abertura do novo quadro comunitário, para enquadrar e candidatar projetos.

Paulo Rui Sousa assegura que, desde 2017, altura em que iniciou funções, a preocupação sempre presente é a política de proximidade: “Tentamos sempre ultrapassar os problemas que vão surgindo, acreditando que, resolvendo esses problemas, por muito pequenos que sejam, isso traz mais valias e melhores condições de vida para os habitantes das Fontinhas”.



ENTREVISTA

ENTREVISTA COM ANTONIETA REIS LEITE

“Angra do Heroísmo precisa de uma visão estratégica abrangente”

A arquiteta e historiadora da arquitetura e urbanismo Antonieta Reis Leite defende que qualquer abordagem a Angra do Heroísmo terá de ser estratégica e de preservar a autenticidade. Quarenta anos depois da classificação como Património Mundial da Humanidade, a cidade ainda pode reinventar-se.

Angra do Heroísmo celebra os 40 anos da classificação do seu centro histórico como Património Mundial da Humanidade pela UNESCO. O que torna a cidade única?

A inclusão de Angra na Lista do Património Mundial da Humanidade fez-se apoiada em critérios predefinidos pela UNESCO a que Angra claramente respondia, mas o que efetivamente torna o(s) património(s) único(s), e Angra não é exceção, são as pessoas, e os seus modos de apropriação e vivência do espaço. A cidade é sempre uma construção coletiva – e o que esse coletivo representa é o verdadeiramente único em cada lugar.

Como vê a forma como Angra do Heroísmo renasceu das ruínas do sismo de 1980? Quais foram os principais méritos e também eventuais erros no processo de reconstrução?

A reconstrução de Angra é uma história excecional, cuja compreensão total exige um exercício de contextualização a vários níveis. Por um lado, compreender o momento da tragédia em si e a resposta operacionalizada. Por outro, integrar esse momento e resposta num tempo muito específico que inclui um regime democrático em formação, o que oferecia esperança, e a atuação de um governo regional autónomo jovem, mas claramente capacitado para apresentar e desenvolver soluções para um problema



tão complicado. O mérito mais evidente é ter-se conseguido reabilitar uma cidade inteira com e para os seus habitantes – não nos podemos esquecer que estava ainda longe de chegar a indústria do turismo aos Açores, e ter-se conseguido incluí-la na lista do património da humanidade, o que politicamente também é muito relevante, nomeadamente a nível internacional – não nos esqueçamos que três anos depois Portugal entrava para a CEE. No conjunto, foi um processo de aprendizagem em si, como tal, com muitos erros que só a própria experiência poderia corrigir. Não obstante, também por isso, foi um processo inovador e, no contexto português, único. Por exemplo, a legislação produzida para a reabilitação do património foi, à época, singular. O erro mais visível, tem provavelmente a ver com a incapacidade dos gestores do património (em especial os organismos responsáveis), e assim da burocracia associada, se atualizarem e adaptarem rapidamente a novos processos mais inovadores e mais complexos de gestão do património. Pelo contrário, mantendo uma abordagem demasiado

ortodoxa, em muito aspetos além do recomendado pela própria UNESCO. Do ponto de vista da gestão do território, onde se inclui Angra património UNESCO, vejo também como problemático não se ter pensado a cidade de forma integrada com a escala da ilha, em especial ao nível da habitação, conduzindo a um nível de abandono difícil de reverter.

Em termos arquitetónicos, como pode a cidade continuar a renovar-se?

Desde 2011, mas apoiada em teorias e práticas anteriores, a UNESCO incluiu nas suas reco-

mendações a abordagem pela Paisagem Urbana Histórica (PUH) – que significa, de modo muito resumido, abordar o património e a sua gestão de uma forma integrada (também geograficamente), incluindo as diversas camadas e valores (materiais ou não) que caracterizam e substanciam essa paisagem ao longo do tempo (como património vivo) e não cristalizando momentos específicos da sua história. Em grande medida, essa nova abordagem e teoria nasceu para dar resposta à ambição e necessidade efetiva das ditas PUH se renovarem e atualizarem. Respondendo tão diretamente quanto possível à pergunta, julgo que Angra, à semelhança de muitas outras paisagens urbanas históricas, tem de ser autêntica. A autenticidade é um valor relevante tanto para o património (entendido na sua imensa complexidade e riqueza) como para a arquitetura. No caso do património, a autenticidade é elemento de validação/acreditação e valoração do património em si – o original/autêntico é sempre mais valioso que a cópia. No caso da arquitetura, enquanto profissão liberal e atividade criativa, a autenticida-



de é igualmente um fator crítico, definidor até da atividade do/a arquiteto/a e elemento qualificador da obra. Na minha opinião, há que garantir que o património construído é preservado – na sua autenticidade, sem que deixe de se atualizar com qualidade e, claro, autenticidade. Com isso não estou a defender que se atue sem regras (defendo em especial que é preciso garantir a escala e a densidade certa), mas estou claramente a criticar o pastiche e sobretudo a invenção de património numa arquitetura que tenta mimetizar um passado qualquer, promovendo uma paisagem não só dissonante, mas também pouco interessante. Por outro lado, julgo que Angra precisa de uma visão estratégica abrangente (como disse antes a diversas escalas), e de um plano ambicioso que permita pensar a cidade como um todo e não apenas como um conjunto de obras/intervenções individuais, não obstante a qualidade e mérito que individualmente estas possam ter ou não ter.

De que forma acredita que Angra do Heroísmo pode atrair mais habitantes e tornar-se uma cidade mais adaptada às pessoas? Há quem defenda, por exemplo, que a presença de viaturas no centro é excessiva...

Os problemas que esta pergunta encerra são múltiplos, além de muito complexos. Não é, por isso, uma questão de resposta simples e menos ainda fácil. Há que analisar as questões colocadas de uma forma integrada, respondendo pelo menos a três conjuntos sequenciais de assuntos:



Perceber como se chegou a este ponto. Porque é que a cidade deixou de ser atrativa para se habitar? A que se deve a saída dos habitantes da cidade?

Traçar objetivos. Queremos voltar a atrair habitantes para a cidade? Queremos que Angra seja mais do que um centro de comércio e serviços?

Aplicar estratégias para corrigir o que se entender que deve ser corrigido, nomeadamente recorrendo a um melhor planeamento e a um ordenamento do território abrangente, que não exclua o centro e a sua área de proteção – um erro comum a muitas áreas protegidas.

Há, porém, questões que são evidentes, mesmo numa análise superficial da questão.

Para mim também é claro, como propõe a pergunta, que é preciso atrair habitantes para a cidade, o

que até permitiria reduzir o número de deslocações e assim de carros em trânsito – sendo que, na minha opinião, o acesso e circulação de quem vive no centro devem ser facilitados, se necessário com medidas de discriminação positiva. Contudo, previamente, há que perceber porque é que as pessoas e as famílias deixaram de habitar no centro, em que medida é que o planeamento (ou ausência dele) influiu ou até promoveu esse êxodo? Como se pode inverter a tendência? Ao nível da macro escala, sobre este problema em concreto e sem excluir outras premissas, parece-me evidente que enquanto for possível ocupar todo e qualquer pedaço de terra em redor da ilha e não houver condicionamento nos acessos ao centro, as pessoas vão preferir viver fora do centro urbano, mesmo que isso implique deslocações

contínuas. Até porque, o binómio tempo/distância, numa ilha da dimensão da Terceira e com uma boa qualidade de vias, não tem muito relevância. Por outro lado, a uma escala mais pequena, há que pensar estrategicamente e criar condições de habitabilidade melhores na cidade, para que as pessoas optem preferencialmente por viver nela. Por exemplo, um erro do passado recente foi deixar ocupar com construção os logradouros dos quarteirões do centro da cidade, não só destituindo os lotes de quintal/espço exterior, como inviabilizando a circulação de ar transversal. O que se ganhou em área construída, perdeu-se em qualidade de habitabilidade. Isto só para mencionar duas questões de escalas muito diversas, cuja resolução não é fácil, desde logo porque dificilmente reunirá os consensos políticos necessários para a sua concretização, mas que mostram bem a necessidade de se pensar e discutir a cidade e o seu território de forma integrada.

Falou já do “grande potencial” de Angra. Que riqueza é essa e como pode ser totalmente aproveitada?

Angra foi desenhada e construída de forma muito pragmática, na origem e mesmo depois do sismo. A sua malha urbana, ainda hoje, apesar de todas os problemas que sumariamente se enunciaram em cima, continua a responder positivamente às necessidades de adaptação à vida contemporânea. Isso tem de ser devidamente tratado e cuidado, para que os valores que a identificam não se percam.

Quatro factos nos 40 anos de Angra Património

☞ Angra tornou-se, em 1534, a primeira cidade açoriana.

☞ O centro histórico foi classificado como Património Mundial da Humanidade pela UNESCO a sete de dezembro de 1983.

☞ A classificação pela UNESCO surgiu três anos depois do sismo de 1980, com a reconstrução da cidade a ser ainda hoje encarada como um exemplo de preservação do património.

☞ O argumento histórico foi determinante para a classificação, como destaca a Comissão Nacional da UNESCO. O portal da comissão sublinha o “protagonismo crescente que Angra vai desempenhar no quadro da famosa ‘Carreira das Índias’, como escala atlântica”.



PROJETOS EXEMPLARES

IMPÉRIO DA CARIDADE DAS FIGUEIRAS DO PAIM

Centro interpretativo preserva história do culto do Divino Espírito Santo

No final de setembro, quando as festas iluminarem a zona do Império da Caridade, nas Figueiras do Paim, Praia da Vitória, deve abrir o novo Centro Interpretativo do Culto do Divino Espírito Santo.

O império é já um ponto de atração turística, explica Ricardo Toste, membro da direção. “Há muitas pessoas que, quando chegam à Praia da Vitória, lembram-se das fotografias que já viram e dirigem-se a este largo”, diz.

Aproveitar esse interesse natural foi o ponto de partida para a criação do centro interpretativo, que torna a dispensa do império um local visitável.

O centro guardará a coroa do Espírito Santo mais antiga do império, do início do século XX, mas também os objetos que compõem a dispensa e outros, como as bandeiras ou as safatas onde se coloca o pão a distribuir no bodo. Há elementos de vídeo e fotográficos, a que se juntam painéis ex-



plicativos. “Estamos a colaborar com o Museu de Angra para avaliar as melhores formas de expor os objetos”, afirma.

Também está a ser realizado um esforço para identificar algumas peças em falta, que, ao longo do tempo, foram desaparecendo.

Este projeto foi motivo de uma candidatura a verbas do PRORURAL+, apresentada à GRATER. Obteve uma taxa de comparticipação de 80%, com um montante do apoio de 14.131,59 euros.

O município deve disponibilizar



um funcionário para guiar os visitantes pelo circuito expositivo. “Pretendemos ter um horário de abertura e funcionar de forma a receber bem os turistas”, diz Ricardo Toste.

A história do império estende-se no tempo. “Segundo relatos, este culto teve o seu início neste lugar, no último quartel do século XIX, quando uma senhora abastada terá oferecido à população mais necessitada esmolas de carne, pão e vinho, iniciando-se a partir de então o culto ao Di-

vino Espírito Santo nas Figueiras do Paim”, lê-se num dos painéis informativos.

A estrutura do império foi, até meados do século XX, de madeira e desmontável, saindo à rua nos dias de festa. Em 1945, foi edificado o império.

O resto da história, é para descobrir no novo centro interpretativo, que também divulga os outros impérios do concelho. É uma “porta de entrada”, como afirma Ricardo Toste, para conhecer este património

BODYSTATION ANGRA DO HEROÍSMO

Um ginásio para toda a família

Foi em Marco de Canaveses, terra natal de António Carlindo, que nasceu, em 2011, a cadeia de ginásios Bodystation. Hoje são oito espaços, incluindo um em Angra do Heroísmo.

António Carlindo conheceu a Terceira quando participou num congresso regional de ginásios e academias. “A atividade era só três dias e tirei sete. Conheci os

ginásios existentes, a oferta, a conjuntura fiscal e tirei a conclusão de que, atendendo ao tipo de trabalho que desenvolvemos, havia espaço para nós”, conta.

O ginásio Bodystation de Angra abriu portas em junho de 2021. Através de uma candidatura apresentada na GRATER, ao programa PRORURAL+, foram depois adquiridos novos equipa-

mentos de cardio (duas elípticas, oito passadeiras, duas stairs climbers e 24 bicicletas de spinning), para responder ao aumento de clientes.

A taxa de comparticipação foi de 70% (40.255,94 euros), considerando que seriam criados três postos de trabalho a tempo inteiro. O licenciado em Educação Física, com mestrado em Gestão Desportiva, afirma que a marca diferenciadora do ginásio é ser pensado para toda a família. “Queremos tentar incluir o pai, a mãe e o filho e ter uma oferta o mais diversificada possível. Também pretendemos que o cliente perdue”, diz

“Não é nossa intenção que haja uma rotação massiva de clientes. Fazer preços demasiado baixos, não haver um acompanhamento e, depois, por si só, o cliente sair... Queremos ter um grupo de clientes, um núcleo o mais es-

tável possível. Por isso, temos os packs família com um valor muito mais em conta”, frisa.

É importante construir saúde e os Açores têm especificidades. “Tornamo-nos mais produtivos, mais úteis. Depois, a Terceira e os Açores têm um índice de obesidade um pouco acima da média, para não falar de algumas doenças do foro respiratório. A atividade física é o melhor medicamento, quer na prevenção, quer na ajuda na recuperação. Outro fator importante é o psicológico. Sabemos que a insularidade também nos traz algum tipo de problemas”, enquadra António Carlindo.

O ginásio oferece diversão, aulas de grupo, socialização, libertação de dopamina... “Tudo isto ajuda a que as pessoas que vivem este tipo de situações possam sair delas o mais rápido possível”, sublinha, dando significado à velha frase “mente sã em corpo sã”.



NOTÍCIAS

COMITÉ DAS REGIÕES EUROPEU ALERTA

“Fuga de cérebros” ameaça zonas rurais da União Europeia

O Comité das Regiões Europeu alertou para as consequências do despovoamento e da “fuga de cérebros” na recuperação e coesão da União Europeia (UE).

Os representantes dos municípios e das regiões da UE aplaudiram as medidas recentemente apresentadas na comunicação da Comissão Europeia “Aproveitar os talentos nas regiões da Europa”.

Entendem, porém, que estas devem assentar em abordagens adaptadas, com especial destaque para as zonas rurais, cujo futuro depende da capacidade de retenção e atração de jovens talentos. A mensagem foi deixada, a 15 de março, a Dubravka Šuica, vice-presidente da Comissão Europeia, responsável pela Democracia e Demografia.

Num debate com Dubravka Šuica, os dirigentes locais e regionais alertaram que a “fuga de cérebros” e as crescentes disparidades regionais são um risco para a sustentabilidade a longo prazo do projeto europeu.

De acordo com um comunicado de imprensa do Comité das Regiões Europeu, é necessário identificar “melhor a diversidade dos desafios e das oportunidades nestas regiões, para permitir a conceção de medidas adaptadas a cada região, especialmente tendo em conta as necessidades de requa-



lificação e de melhoria de competências associadas à transição ecológica e digital”.

O presidente do Comité das Regiões Europeu, Vasco Cordeiro, afirmou que “a União Europeia enfrenta desigualdades crescentes, mas algumas regiões estão em maior risco de ficar para trás”.

Alertou que “quando os jovens deixam o seu local de origem para encontrar oportunidades noutras locais, isto é um aviso de que há necessidade de agir e rapidamente”.

“A política de coesão representa um instrumento fundamental, combinado com outros fatores, para promover soluções que possam responder melhor às necessidades de cada território. Temos o dever de ter soluções para todos aqueles que se sentem deixados para trás. A rápida implementação desta comunicação representaria um sucesso tangível no âmbito do Ano Europeu das Competências”, frisou.

Dubravka Šuica disse, citada no mesmo comunicado, que “a li-

berdade de circulação é uma das realizações mais preciosas da UE” e que “para complementar isto, temos de assegurar que as regiões que experimentam uma diminuição da população e, assim, enfrentam uma ‘armadilha de desenvolvimento de talentos’, tenham os meios para atrair e aproveitar o fruto dos seus investimentos”.

Sublinhou que “as mudanças demográficas podem ser uma oportunidade para reforçar a resiliência em todos os territórios da União Europeia”.

ZONAS COSTEIRAS DA TERCEIRA E GRACIOSA

GRATER submete candidatura ao programa MAR 2030

A GRATER submeteu, no passado dia 27 de fevereiro, a sua candidatura ao MAR 2030 para reconhecimento do GAL (grupo de ação local) e seleção da Estratégia de Desenvolvimento Local (2021-2027) definida para o território de intervenção do GAL Pesca GRATER Mar, que abrange as zonas costeiras

das ilhas Terceira e Graciosa.

A parceria, composta por 28 entidades, é formada por entidades representativas da sociedade civil e agentes socioeconómicos mais expressivos do território, com ampla representação dos interesses locais e com competências complementares em áreas relevantes para o desenvolvimento

dos territórios costeiros.

Digitalizar, inovar e capacitar as atividades; estimular a coesão social e territorial e promover a valorização da economia do mar são os objetivos da Estratégia, traçados juntamente com a definição de três projetos âncora, um por cada concelho do território de intervenção.

BLUE AZORES E GRATER

Proteger as áreas marinhas

A GRATER participou, a seis e sete de março, no processo participativo costeiro para a definição das áreas marinhas protegidas na ilha Graciosa, ação preconizada pelo programa Blue Azores.

O Blue Azores é um programa centrado na conservação e no uso sustentável dos recursos marinhos. Tem como objetivo principal proteger 30% do Mar dos Açores através de áreas marinhas protegidas, cumprindo a Estratégia Europeia da Biodiversidade 2030 e demais diretivas internacionais.

NOTÍCIAS

PROMOVER OS PRODUTOS LOCAIS E A ALIMENTAÇÃO SAUDÁVEL JUNTO DOS MAIS NOVOS Campanha “Alimenta o teu Futuro” percorre ATL’s e escolas na Terceira e Graciosa

A campanha “Alimenta o teu Futuro”, que teve início a sete de fevereiro, percorre os ATL’s da ilha Terceira até meados de abril. Na ilha Graciosa, a campanha terá lugar nos dias 17 e 18 deste mês nas escolas primárias.

Promover o consumo de alimentos locais e da época é um dos objetivos centrais da ação inserida no projeto de cooperação “Reducing the Distance: short supply chain between land and sea”, que ficou conhecido por “Circuitos Curtos”.

A campanha é desenvolvida com dois jogos destinados às crianças do 1.º ciclo. Para além de transmitirem as vantagens dos produtos locais, os jogos estão desenhados para reforçar a importância da realização de uma alimentação com base na Roda dos Alimentos Portuguesa e para promover escolhas alimentares adequadas e conscientes.



No fundo, trata-se também de melhorar a literacia sobre alimentação saudável.

Os jogos são dinamizados pela nutricionista Beatriz Henriques, que teve um papel fundamental na

conceção da campanha, acompanhada pelas técnicas da GRATER. No lançamento da campanha, a presidente do conselho de administração da GRATER, Paula Sousa, afirmou que esta iniciativa

deixará frutos: “O terminar destas ações não é necessariamente o término da campanha. Os jogos vão ficar com equipas de animação dos municípios, pelo que podem ser novamente explorados”.

CURIOSIDADES do mundo rural

Conheça o leite A2

O futuro da produção de leite nos Açores pode passar por letras e números.

Produtores, Governo e indústria estão a despertar para o potencial do leite A2, um produto altamente valorizado no mercado.

O leite A2 promete uma digestão mais fácil, com benefícios para a saúde. Permite evitar sintomas da intolerância à lactose, como dores de estômago, cólicas ou inchaço abdominal. Tudo de forma “natural”, através de vacas geneticamente selecionadas.

Como explicou António Soares, produtor de leite em modo biológico que está a apostar neste nicho, numa entrevista ao Diário

Insular, o leite A2 é leite produzido por vacas portadoras apenas do gene A2.

“Para saber quais as vacas homozigóticas para o gene A2 que constituem uma manada tem que se analisar o seu sangue ou o seu pelo, é o que se chama de genotipagem. Depois, basta inseminar as vacas A2A2, sempre com um touro também homozigótico A2A2 para obtermos sempre uma descendência A2A2”, precisou.

Mais do que letras e números, o leite A2 impõe-se pelo preço de mercado. “Uma lata de 3,6 Kg custa à volta de 50 euros. Isto é aquilo a que chamo uma ótima oportunidade de negócio e com



visão de futuro, já que a previsão para os próximos seis anos é que o consumo mundial deste leite aumente quatro a cinco vezes”, disse.

O secretário regional da Agri-

cultura e do Desenvolvimento Rural, António Ventura, afirmou, no final do ano passado, que há um projeto-piloto em preparação para a produção de leite A2 nos Açores. Seria o primeiro do país.